

DOI: [10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.026](https://doi.org/10.46943/VIII.CONEDU.2022.GT17.026)

REFORÇO ESCOLAR NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR: UMA ESTRATÉGIA CONTRIBUIDORA PARA O ENSINO

Francisca Marta da Silva de Assis

Mestra pelo Curso de Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia (IFCE), martasilvaassis20@gmail.com.

Neisse Evangelista da Costa Souza

Mestra pelo Curso de Ensino e Formação Docente da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Instituto de Educação, Ciências e Tecnologia (IFCE), neissesouza18@gmail.com.

Francisco Kaio Dias de Sena

Graduado em História(UNILAB) e Especialista em Gestão da Educação (UNINASSAU).

RESUMO

O presente trabalho busca apresentar experiências vivenciadas durante o período de reforço escolar realizado com duas crianças na faixa etária de 8 anos, estudantes de uma escola particular do Município de Redenção - Ceará. Considerando esse processo de recomposição de aprendizagem, o trabalho tem como objetivo mostrar o quão importante foi a interdisciplinaridade como meio contributivo para a superação das dificuldades encontradas durante o tempo em que se processou este ensino-aprendizagem. A intenção é mostrar, de modo fundamentado, que estas experiências, mesmo ocorrendo de maneira não formal, são contributos importantes e, por isso, devem ser encaradas com seriedade dentro de um debate pedagógico e educacional. Numa visão metodológica quer-se dizer que explorar casos de ensino-aprendizagem, bem como, os desafios que são surgidos e confrontados durante estes percursos necessitam ser refletidos com

bastante atenção. O estudo de caso ora desenvolvido demonstra relevância, quando manifestado pelo prisma metodológico interdisciplinar, possibilitando enfrentar as dificuldades no aprender na Disciplina de História e consequente superação das questões que impediam o desenvolvimento cognitivo das crianças, e, por isso, julga-se, que os desafios foram vencidos com a utilização das estratégias, dos métodos e metodologias criativamente elaboradas cotidianamente tendo em vista a singularidade, no que se refere as dúvidas, ritmos, e contextos culturais de cada estudante, razão pela qual se vê alento na perspectiva de redigir este escrito científico. Para fundamentar este estudo, realizou-se um diálogo com alguns autores dentre eles: Antunes, Pimenta; Lima, Freire, Ferreira e Libâneo. Acredita-se que o compartilhamento dessa experiência irá enriquecer a prática pedagógica dos professores, inspirar outras pesquisas, ampliar o debate e redefinir ações de recomposição da aprendizagem refletindo dessa forma a contribuição que esta produz para a pedagogia e ao processo do ensino-aprendizagem e, igualmente, para a construção de novos conhecimentos e de discussão relevante para uma educação no atendimento as demandas educacionais contemporânea.

Palavras-chave: Reforço escolar, Experiências, metodologias, interdisciplinaridade, Ensino.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta experiências vivenciadas durante o período de reforço escolar realizado com duas crianças na faixa etária de 8 anos, estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental de uma escola particular do Município de Redenção - Ceará. Desejando aprofundar a dificuldade de aprendizagem dos estudantes, o estudo tem como objetivo mostrar a importância do reforço escolar na perspectiva da interdisciplinaridade como meio contributivo para a superação das dificuldades na aprendizagem da Disciplina de História.

Viu-se que a percepção das dificuldades no ato de ensinar é deveras importante ao debate do ensino-aprendizagem. Durante algum tempo as reflexões pairaram somente em torno das superações do impedimento e dos métodos e meios técnicos empreendidos que contribuíam para a suplantação das complexidades existentes no meio dos processos do ensinar e do aprender, esquecendo-se, por sua vez, de investigar os entraves que ocorrem no processo, e que são chaves relevantes, devendo ser o primeiro ponto a ser confrontado. Quer-se dizer que no debate que gira em torno da *experiência* do ensino-aprendizagem propõe-se discutir inicialmente sobre o problema e não logo, em primeiro plano, pensar a metodologia ou método que será utilizado para dirimir tais entraves.

Na busca de solução, o primeiro passo seria refletir quais os fatores que complexificam, dificultam e inibem o desenvolvimento intelectual e cognitivo do sujeito, para posteriormente refletir qual a metodologia que será empregada para resolver tal situação. Pretende-se aqui, compreender a educação como uma experiência social, portanto, concreta.

Acredita-se nestes encontros em que ocorre o reforço escolar, como momentos oportunos, interessantes, e que devem ser encarados como chaves para o debate do processo do ensinar e [também ensinar a] aprender – não somente em relação seres como estas crianças, mas também indivíduos de outras faixas etárias.

Enfrentar os ineditismos e as diversas vicissitudes das práticas educacionais que são encontradas durante todo e qualquer processo do ensino-aprendizagem – não apenas formal, mas também na educação para além do ambiente escolar – bem como explorar

as maneiras e os métodos criativos elaborados como meios contributivos para superar possíveis impasses que atribulam e que por vezes apresentam-se como provas para o desenvolvimento intelectual, devam ser encarados e compreendidos como oportunidades singulares e deveras importantes para ver e rever metodologias e modelos de mediação docente que possam colaborar com o processo educacional.

Portanto, acredita-se que a discussão, proposta neste artigo, ultrapassa o simples argumento de que é relevante levar ao conhecimento de todas e de todos algumas experiências, pois, paralelamente, este debate, muito tem a oferecer com e para a maneira do ensinar e do aprender como um todo, mostrando-se, igualmente, contributivo para o processo de ensino-aprendizagem formal que é desenvolvido no interior do ambiente escolar. Os métodos e metodologias empregados com estas crianças tiveram consideráveis êxitos, revelando que esta análise sobre o reforço escolar deva ser averiguada como importante tema a ser lido e refletido, inclusive, por parte de quem já atua profissionalmente na mediação do conhecimento e do saber com crianças, jovens e adultos, tendo em vista que:

Um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma e, dessa forma, quando a esse espaço se restringe faz do mesmo um elo estimulador de desafios, interrogações, proposições e ideias que seus alunos, em outros espaços, buscarão. Uma aula de verdade não se confina à sala de aula e os saberes na mesma provocados representam desafios para que os alunos os contextualizem na vida que vivem. [Infelizmente os] professores adoram salas de aula, pois, confinados em espaço restrito, não contam com a crítica de quem analisa sua repetitiva conduta. (ANTUNES, 2008, p.23).

O autor nos incentiva a ensinar para além da sala de aula, por isso, a importância de conhecer e considerar nesse espaço o universo do aluno e dedicar-se a uma aula que discuta os problemas desses estudantes nos diferentes níveis repassando algo que seja significativo para sua atuação fora da escola, nas relações sociais e vivências do dia a dia.

Visualizando o pensamento de Antunes (2008), percebemos que dentro do contexto escolar, o professor tem um papel fundamental: além de mediar conhecimento, deve olhar cada aluno em seu próprio contexto, e assim, acolher as diferenças e as considerar no processo de ensino-aprendizagem, reconhecendo que cada estudante aprende de uma forma diferente.

Há um importante trabalho que, embora tenha sido pensado objetivando o debate sobre o estágio docente, é um livro que todo professor deveria ler. Trata-se de uma produção de Lima e Pimenta (2012), intitulado de *Estágio e Docência* que viabiliza compreender o espaço e a missão educativa que o professor irá transcorrer na prática. As autoras argumentam que durante muito tempo, o estágio foi visto como o exercício da prática em oposição ao momento da teoria. Isto é, que o período dedicado para teoria se trata do tempo reservado para a aprendizagem do graduando em alguma licenciatura enquanto este ainda está debatendo textos vinculados à alguma universidade/instituto de ensino superior. Por outro lado, o estágio seria o intervalo de tempo utilizado para a prática do que aprendeu, isto é, a fase em que o licenciando estaria propriamente no interior da sala de aula atuando, embora ainda como aprendiz. Estas autoras afirmam que o tempo dentro da sala de aula deva ser valorizado como ocasião dessas e outras reflexões e não simplesmente entendido como o tempo da prática. (PIMENTA; LIMA, 2012).

Considerar o posicionamento das autoras acima mencionadas importa compreender que o estudo também possa ser igualmente utilizado para outros mais momentos, como este tempo dedicado ao reforço escolar das duas crianças. Também ao passo que se examina os raciocínios destas pesquisadoras, ao trazê-los para as nossas referidas experiências, por hora aqui em exploração, já se está dando ênfase ao poder e a importância da criatividade do responsável pela mediação com o saber/conhecimento, pois se está usando da inteligência ao se utilizar da tática de resolução de um determinado problema que seja anterior, para a solução de um outro posterior que se apresenta, configurado nesse caso como as dificuldades encontradas pelas crianças estudantes.

Nesse intuito, os encontros de reforço escolar devam ser encarados e explorados observados como outras oportunidades de produção de novos conhecimentos, e que agora materializa-se com

a escrita deste trabalho, e igualmente de mais uma análise teórica dedicadas ao ensino também formal. Por isso Freire (1996) diz que é:

na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. **É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem** que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunde com a prática. (FREIRE, 1996 p. 43-44).

Têm-se tornado cada vez mais enfadonho e mesmo cansativo assistir vídeos e documentários, ler ensaios, artigos, relatos de experiências, e mesmo capítulos de livros, e/ou até livros, e ainda observar entre as dinâmicas no interior da sala de aula diversas práticas pedagógicas ultrapassadas serem apenas *reproduzidas* ano após anos letivos, inclusive, por parte dos novatos docentes que nada mais têm feito do que apenas e simplesmente imitar e, assim, reproduzir as metodologias e métodos que foram utilizados e aplicados por seus antigos professores do ensino básico.

Vejamos que paradoxo: ora, se, enquanto éramos estudantes, seja como crianças, adolescentes e/ou adultos, sempre víamos as aulas como algo sem sentido e desinteressante, pensemos agora nós, futuros docentes, por qual motivo, apenas gastaríamos as nossas energias, nosso tempo e esforços em apenas reproduzir no mesmo formato que antes experienciávamos o processo de ensino-aprendizagem durante o tempo que cursávamos o nível fundamental e médio? Por que o professor recentemente formado ao invés de inovar, ainda se limita a reproduz/imitar práticas de seu antigo mediador?

É interessante essas indagações para não cairmos nas mesmas cometendo as mesmas falhas. Pois é fato que, se tivemos inúmeras dificuldades em aprender com aquelas antigas formas de ensinar, indaguemo-nos, se existe algum sentido fazermos de maneira semelhante e/ou igual? O que têm acontecido na experiência de estudantes ou de profissionais para o desalento dessa classe?

Olhando para o nosso fazer pedagógico, Freire (1996) nos inspira a mudar nossa prática docente, seja na reflexão da vivência

enquanto estudante, seja como professor que agora formado pode se manifestar numa versão diferente, e exercitar uma nova postura no ato de ensinar. A formação é importante, mas o ensino qualitativo exige outros elementos considerados fundamentais:

A falta de profissionais qualificados, a carência de material didático, carência na estrutura física e pedagógica, a má qualidade de ensino, tudo isso faz com que a escola seja um agente contribuinte dos problemas de aprendizagem e do fracasso escolar. Mas esse é um problema que precisa da contribuição social e também educacional. (FERREIRA, 2008, p. 142).

O que há de certo em se afirmar, pelo menos até este momento, é que a maneira pela qual se processa o ensino-aprendizagem está *caducamente atrasada* – isto mesmo, um pleonasma – o que dificulta o aprender é o [aprender a] ensinar. Considerando estes casos é preciso refletir se há dificuldade também no ensinar, já que a/o docente apenas reproduz esse modelo de mediar o conhecimento com o saber e não processa o pensamento para e inovar. Neste fato, e desta maneira, a/o estudante, seja criança, adolescente, ou adulto, passa a ser visto como único e verdadeiro culpado por não aprender o conteúdo que lhe é proposto.

Assim, contrapondo a esse formato, acreditamos na importância dos compartilhamentos de experiências, seja como docentes já atuantes em escolas, seja em outros momentos não formal, como estes de reforço escolar, desde que sejam ações contributivas e não meramente registros a exemplo de relatório contando o que aconteceu na compreensão de que sempre haverão de encontrar e, portanto, enfrentar dificuldades, já é um passo relevante para entender a importância das inovações para a educação.

Outrossim, perceber a contribuição que a examinação das dificuldades têm, colaboração a serem reportadas na área educacional, faz-nos, por sua vez, interpretar algo maior, que é o próprio ensino-aprendizagem em sua dinamicidade, e, assim, termos mais oportunidade de entendê-lo e explorá-lo em sua totalidade mais abrangente, isto é, mais propriedade em falar de sua fluidez e do caráter do que realmente significa o termo “educação”. Ressaltando que tanto o professor quanto o estudante aprende e ensina um com o outro, concomitantemente, durante o processo.

Vale salientar que o responsável pela mediação do reforço escolar, tema desse debate, não é formado em Pedagogia, pressupondo que a familiaridade com o trato educacional escolar dos mais jovens, a criatividade utilizada, passara a ser sempre através do pensamento da interdisciplinaridade de quem adota essa prática ou ação.

METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho foi realizada mediante a análise das dificuldades encontradas pelos dois estudantes, quanto pelo êxito apresentado que mostrou a perspectiva da *interdisciplinaridade* para com o enfrentamento e a conseqüente superação das complexidades e impedimentos que se mostravam como contratempos para o crescimento e desenvolvimento intelectual e cognitivo dos jovens sujeitos.

Para o embasamento da questão em estudo buscou-se focar nas concepções dos estudiosos Antunes e Libâneo quando nos deperta a entender sobre o ato de ensinar.

O termo “ensinar” na visão desses dois pensadores se complementam. Para Libâneo (2008), o processo de ensino é uma atividade que envolvem professores e alunos, onde a organização e a orientação são realizados pelo professor, buscando com esse direcionamento e realização de atividades, conceder subsídios e formas desses estudantes adquirir “conhecimento, atitudes e convicções”. Nesse mesmo alinhamento o autor aprofunda que:

a característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e sua destinação social na sociedade, papel que cumpre provendo as condições e os meios (conhecimentos, métodos, organização do ensino) que assegurem o encontro do aluno com as matérias de estudo. Para isso, planeja, desenvolve suas aulas e avalia o processo de ensino. (LIBÂNEO, 2013, p.47).

As estratégias e ações planejadas pelo professor ao mediar conhecimento são processos que podem conduzir o aluno a entender as temáticas de estudos na relação com o meio em que vive e

nesse intercâmbio obter um saber eficiente. Para Antunes, “ensinar quer dizer, ajudar e apoiar os alunos a confrontar uma informação significativa e relevante no âmbito da relação que estabelecem com uma dada realidade, capacitando-o para reconstruir os significados atribuídos à essa realidade e à essa relação”. (2008, p. 30).

A Educação formalizada a partir desses conceitos não se restringe ao repasse de informação ministrado entre quatro paredes, mas, o processo do ensino-aprendizagem como uma experiência social, portanto, concreta.

A educação tem por objetivo principal a relação e convívio em sociedade e não o simples adquirir inúmeros novos conhecimentos, como se o ego de ter conhecimentos guardados em mente fosse o seu verdadeiro sentido. Aliás, este ponto é mais um que deve ser ressignificado, pois muitos têm em suas mentes o mero e superficial entender da educação como um princípio que os possibilitarão competir com as outras pessoas sempre em busca de uma vitória.

Subsidiado pelos conceitos mencionados, podemos dizer que a educação é mais do que somente a aquisição de novos conhecimentos, mas se trata ela de um processo sempre contínuo de interpretação do mundo, algo nunca acabado ou esgotado.

Combinando os raciocínios dos dois pesquisadores, pode-se entender o papel da mediação do docente entre os alunos e os novos conhecimentos, sendo que a ideia cerne é a aquisição de novos conhecimentos; para a educação, é sempre a confrontação com a realidade e com as experiências que rodeiam estes mesmos *aprendizes* – ver-se desta vez que a palavra cerceada é “aprendiz”, pois nunca ninguém deixa de sê-lo, a educação não se finda –, por isso falar-se no resumo deste trabalho em educação contextualizada, pois tudo depende do ambiente e do contexto sociocultural no qual estão inseridos, e, na menção a Antunes, de que “uma aula de verdade não se confina à sala de aula e [que] os saberes na mesma provocados representam desafios para que os alunos os contextualizem na vida que vivem”. (2008, p. 23).

Portanto, analisando o reforço escolar não somente como prática, mas igualmente como oportunidade singular de reflexão e fator relevante para construção de novos conhecimentos, a metodologia deste trabalho ocorreu mediante a exploração das dificuldades que até aquele momento se deparavam os estudantes e da enorme

contribuição do campo interdisciplinar no meio metodológico do ensino-aprendizagem. Assim sendo, sempre refletindo, percebeu-se na existência destes momentos importantes créditos de enorme favorecimento para o debate sobre o processo do ensino-aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos.

Portanto, este trabalho escrito foi redigido com base em momentos chaves, implícitos e explícitos, manifestos pelas duas crianças durante as aulas de reforço e, sabendo de sua importância, passaram ser examinados e explorados no qual se buscou averiguar de quais as maneiras que poderiam contribuir para com o debate acerca da educação e por parte daqueles interessados com o trabalho docente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para apresentar os resultados e iniciar a discussão trazemos para o diálogo Piaget e Vygotsky cujas teorias são apresentadas por Moreira (2011) onde abordam os processos do desenvolvimento e as alterações que podem acontecer quando influenciadas por questões emocionais, sociais, culturais. A finalidade é traduzir o que temos em mente sobre o quê ocorreu e como aconteceu com as estratégias e com o ensino dos dois jovens estudantes.

Atentemo-nos em apenas dois dos períodos do desenvolvimento humano – até aqui é o que nos basta.

Na visão de que a educação é tida como experiência social Vygotsky comenta que o desenvolvimento da criança ocorre quando a sua aprendizagem tem o intermédio de experiências e interações sociais submetidas. Piaget demonstra períodos importantes nessa faixa etária de idade:

Período pré-operacional (dois a seis anos) com o uso da linguagem, dos símbolos e imagens mentais, pensamento começa a se organizar, mas não é ainda reversível sua atenção volta-se para o aspecto mais atraentes dos acontecimentos, a criança continua em uma perspectiva egocêntrica. Período operacional concreto (sete a onze/doze anos): neste período verifica a descentralização da perspectiva egocêntrica, pensamento mais organizada, recorre a objetos

concretos presents no momento. (MOREIRA, 2011, pp. 97-98).

Os autores apresentam características importantes do desenvolvimento e enfatizam respectivamente que para o desenvolvimento cognitivo ocorrer depende do contexto social, histórico e cultural, e que o ensino deve vir junto com atividades demonstrativas, concedendo espaços para o aluno agir e protagonizar.

O primeiro dia de encontro ocorreu quando os alunos estavam estudando conteúdos de unidade de medida de distância na Matemática básica desenvolvendo as suas percepções mais abstratas. Interessante rever os seus percursos diários, os espaços transitados dentro de suas casas utilizando uma fita métrica por exemplo.

Tendo em mente o contexto cultural e com o conhecimento de mundo destes jovens, algo deveria ser pensado anteriormente com o objetivo de superar os problemas que dificultavam as suas aquisições de novos conhecimentos, e ativar conseqüentemente seus desenvolvimentos intelectuais, tornando aquele momento de reforço diferente do que supunha ser as suas salas de aula ao ministrar esses assuntos.

A ideia para não se tornar enfadonho, seria fazer com que aqueles momentos fossem entendidos pelos jovens como sendo não-aulas – diga-se de passagem, um ensino-aprendizagem descontínuo de sua escola, mas não igual ao desenvolvido em seu interior. A criatividade surgiu por meio do pensar na *interdisciplinaridade*.

Observamos que, em seus livros, as ilustrações baseavam-se em ruas e avenidas com nomes que compreendemos naquele momento potencialidade metodológica em chamar as atenções dos estudantes.

As ilustrações apesar do colorido pareciam passar despercebidas quando ao averiguar junto aos alunos percebia que essas não eram bem exploradas pelos professores na sala de aula formal. À título de exemplo, uma avenida exposta no livro chamava-se México. Observando essa imagem o que poder-se-ia fazer para atrair as suas atenções? Como se disse, o primeiro passo seria fazer uma ponte do aluno com aquele lugar por meio de algo que esses conhecessem e gostassem e assim, decidiu-se perguntar para a aluna e

para o aluno qual o personagem de uma série que teria nascido no país México? Qual o nome deste seriado?

Seria até mesmo óbvio e não errôneo antecipar o raciocínio que não saberiam responder corretamente a indagação que lhes feita, mas isto, não torna a estratégia inútil e nem menos importante, pois a principal intenção era fazer uma “mini-aula” que despertasse a curiosidade desses. Era uma oportunidade de ensinar de modo diferente daquele que havíamos apreendido na fase do ensino básico. Quando fora esclarecido aos dois alunos que a resposta correta seria *O Chaves*, vimos em suas bocas um sorriso e um fechar de olhos que interpretamos significar alegria. Dessa forma algo consideravelmente distante tornou-se tão perto. A ludicidade parecia mostrar a sua importância e acredita-se ter conseguido provocar os estudantes.

Atente-se a seguinte indagação: “E qual é o papel do professor senão estabelecer uma articulação entre o patrimônio cultural da humanidade e o universo do aluno?”. (PINSKY JAIME, BASSANEZI, 2003, p. 20). A importância da criatividade dos docentes responsáveis, diante da oportunidade revelara uma inteligência perspicaz ao unificar o conhecimento do aluno ao conteúdo proposto. Aqui está a *interdisciplinaridade*, pois esta menção reflexiva acima se trata de raciocínio de dois historiadores, mas que revelou ser bastante significativa.

A interdisciplinaridade foi o objetivo principal para a combinação de métodos, aplicada a História, e que funciona para outras disciplinas também. Nessa fórmula junta o útil, que é o conteúdo escolar, e o agradável, representado pelos interesses daqueles estudantes no referido seriado (exemplo demonstrado no texto acima). A ideia no contexto não foi somente deixar a aula menos chata ou passar pelo professor legal e amigo aos olhos dos estudantes, mas se trata do significado dado a aula, algo criado entre o professor-mediador e o estudante que reflete e absorve. Entendendo aqui a palavra “absorver” não no sentido de o sujeito sugar passivamente como papel em branco, mas apreender. Pois há a necessidade de que os professores:

Se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou a sua construção. [...] O necessário é

que, subordinado, embora, à prática 'bancária', o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o 'imuniza' contra o poder apassivador do bancarismo. (FREIRE, 1996, pp. 24-27).

Freire nos quer convencer de que a/o estudante não é uma conta de banco no qual apenas depositamos o "enriquecimento", mas quer nos dizer que estes sujeitos percebem e entendem o que está a sua volta. Se desta forma não o for, pressupõe-se que todos os problemas vinculados com a não-aprendizagem se dão, como se disse anteriormente, *exclusivamente* por culpa dos estudantes que não se empenham o necessário.

Observemos que determinadas coisas que acontecem em nossas vidas são esquecidas e outras recordamos facilmente. A resposta parece, em sua simplicidade, se tratar apenas porque, para nós seres humanos, que vivemos sempre no simbólico, algo nos marca como importante, seja como um fato ou uma experiência positiva que vivemos, como o primeiro encontro amoroso, que na maioria das vezes acontece ainda na escola, ou como algo negativo, como uma perda que deixa um vazio, com a saudade manifestada, ao se afastar da sala de aula.

A nossa preocupação, portanto, é fazer com que os estudos se tornem importantes, e que, desta forma, não sejam esquecidos, e também convencer as nossas alunas e os nossos alunos de sua real relevância. Entretanto, essa importância só se materializará a partir do momento em que estes mesmos estudos e novos conhecimentos fizerem algum sentido na vida destes estudantes, razão de buscar compreender quem são nossa clientela estudantil.

Há um fenômeno muito interessante de se pensar e que nos ajuda a refletir sobre os primeiros passos do ensinar e do aprender. A valorização do conhecimento prévio do aluno diz muito sobre sua essência, vivências e subjetividade:

A bagagem cultural dos indivíduos contribui para definir a cultura organizacional da organização de que fazem parte. Isso significa que as organizações – a escola, a família, a empresa, o hospital, a prisão etc. – vão formando uma cultura própria, de sorte que os

valores, as crenças, os modos de agir dos indivíduos e sua subjetividade são elementos essenciais para compreender a dinâmica interna delas". (LIBÂNEO, OLIVEIRA, TOSHI, 2012, p. 440).

Embora os autores estejam se referindo sobre a contribuição subjetiva dos estudantes para a formação simbólica do que é a escola, de como ela se organiza e de seu real significado, eles nos indicam a possibilidade de refletir, implicitamente, que precisamos, igualmente, e mesmo anterior da compreensão sobre o que é uma instituição de ensino, conhecer quem são, quais são os valores e as culturas de nossas alunas e de nossos alunos, conhecer seus interesses é um passo importante para transformar a aula em espaços instigadores e provedores de saberes. No caso destes estudantes, em situação de reforço escolar, a atenção e o desejo para aprender adveio quando postos em situações conhecidas e experienciadas de seus mundos e espaços de convivência.

Para pensarmos uma prática educativa que desenvolva os alunos em seus diferentes aspectos é preciso estabelecer uma ligação com um termo bem mais vasto, que é a educação. É necessário que entendamos que a educação não é algo concreto e nem muito menos algo único, isto é, que deva ser uniforme para todas e para todos. A educação em seu sentido mais amplo está para além de um pensar organizado e lógico, deve compreender a essência humana nas suas diferentes interações, pressupondo compreendermos a dinâmica de duas faces, o lado de quem aprende e de quem ensina. Contido nessa dinâmica o professor busca formar atendendo as necessidades de todos, aperfeiçoando-os para serem sujeitos autônomos, críticos e atuantes na sociedade.

Para melhor esclarecimento, buscamos Brandão (2007), pesquisador que nos instiga a pensar o termo em sua pluralidade, *educações*. Este autor pretende com isso dizer que a educação de um indígena, por exemplo, é diferente da educação de um não-indígena, pois para aquele primeiro a educação basear-se-á em suas necessidades práticas cotidianas, em suas religiosidades, em suas ancestralidades, portanto, em suas filosofias de vida, que não fazem qualquer sentido para quem não é indígena – embora exista a educação escolar formal, que se pretende ser mais universal.

Aliás, isto também é um pensamento freiriano, sempre ensinar no sentido de que aquilo faça sentido à/com a realidade de quem aprende. Intencionalmente, esse era o pressuposto implícito no ensino com as crianças, ensiná-las para com que o conteúdo esteja/estivesse em relação plena com as suas vivências cotidianas, em seu contexto sociocultural.

Ao longo da história, ouvimos sempre algumas pessoas dizerem que a ocupação do estudante, seja somente estudar, por isso ele que deva se adequar à escolarização, e não a adequação do professor em relação ao aluno. Queremos dizer que concordamos, parcialmente, mas de igual maneira também entendemos que deva ser recíproco e que os responsáveis pela educação devam estar atentos, sempre buscando novos conhecimentos e se atualizando. “As famílias, por seu turno, esperam que os filhos aprendam o que é proposto, vivam bem no espaço escolar e construam um repertório que lhes possibilite inserção e interação na sociedade” (PEREZ, 2019, p.12). A família é a base apontada como parte fundamental do desempenho escolar do aluno. Desta forma, os pais com a parceria da escola devem fazer parte de qualquer trabalho educativo tendo como foco a formação de um cidadão crítico e pensante.

Escola e famílias querem o mesmo: que o estudante, durante sua vida escolar, aprenda, sinta-se bem na escola, tenha amigos, valorize o conhecimento, o diálogo, o respeito e a solidariedade, conscientize-se de que aprender coisas novas fará parte de toda a sua vida. Uma vivência com essa qualidade tem forte potencial para que jovens e adultos sejam capazes de contribuir para o mundo (PEREZ, 2019, p.50).

Quando o êxito não é alcançado na escola de forma satisfatória busca-se outros meios para reforçar a aprendizagem e nessa travessia de reforçar a aprendizagem dos estudantes foi solicitado pela tia da aluna que ao final de cada momento revisse a suas dificuldades que esta apresentava em relação à multiplicação comentando que esta só sabia fazer o cálculo usando o algarismo 3, tendo dificuldade de realizar operações de multiplicação utilizando os demais números. Algo surpreendente, pois normalmente a aprendizagem se dá com os algarismos 2 (dois), 5 (cinco) e 10 (dez) que, teoricamente, são vistos como os mais fáceis.

Entendido a desenvoltura intelectual da criança para com a matéria, decidiu-se por aproveitar daquilo que ela já dominava. Entendemos que o processo de seu desenvolvimento no ensino-aprendizagem deva partir daquilo que a estudante já domina, ou ainda não domina, e não, exata e exclusivamente, daquilo que o professor ou professora conhece.

Quando indagava a estudante qual o resultado da multiplicação de 3 vezes 8, muito desenvolta ela respondia ser 24. No entanto se fizesse a pergunta com os algarismos invertidos a mesma não saberia responder. Com isto em mente, compreendemos os elementos que atribulavam e que impediam o desenvolvimento mais constante da estudante. Apresentamos a ela objetos reais utilizados no seu dia a dia e fizemos o processo com materiais concretos em, seguida apresentamos uma tabuada desenhada em sua pequena lousa pendurada na sala de sua casa, colocando as duas formas, sendo mostrado que se era conhecedora do processo multiplicativo do algarismo 3 (três), a inversão não alteraria o resultado, conforme o exemplo representado abaixo:

Fig. 1 Tabuada meramente ilustrativa



Tabuada comum	Tabuada invertida criada para a aluna
$3 \times 1 = 3$	$1 \times 3 = 3$
$3 \times 2 = 6$	$2 \times 3 = 6$
$3 \times 3 = 9$	$3 \times 3 = 9$
$3 \times 4 = 12$	$4 \times 3 = 12$
$3 \times 5 = 15$	$5 \times 3 = 15$
$3 \times 6 = 18$	$6 \times 3 = 18$
$3 \times 7 = 21$	$7 \times 3 = 21$
$3 \times 8 = 24$	$8 \times 3 = 24$
$3 \times 9 = 27$	$9 \times 3 = 27$
$3 \times 10 = 30$	$10 \times 3 = 30$



Fonte: criada pelos autores

Isto é, se o numeral 3 (três) aparece em primeiro lugar no lado esquerdo do quadro acima, mostramos a aluna que, do lado direito, o mesmo numeral apenas é deslocado ao segundo plano. A demonstração, embora tão simples, nada tem de simplória. Ela mostrou-se contributiva com as intenções pretendidas, que se tratavam de esclarecer que os algarismos foram apenas trocados de lugar, mas que o resultado permaneceria o mesmo. Novamente, assim como na questão do seriado, O Chaves, ela sorriu com esta fórmula, indicando com aquela graça que o conteúdo havia sido assimilado.

Com esta técnica, toda operação de multiplicação que apresentasse o numeral 3 (três), a estudante dominava a operação, e nesse dia o seu nível de aprendizado voltado para essa operação matemática passou a representar 10% (dez por cento) de toda a tabuada apreendida. Somado o número 1 (um) da multiplicação alcançou-se os 20% (vinte por cento).

No dia seguinte, dedicou-se tempo aos algarismos multiplicadores 2 (dois), 5 (cinco) e 10 (dez) – considerados os mais simples e com o uso de moedas de cinco e dez centavos, ela já sabia responder 50% de toda a tabuada. O que é impressionante para uma criança de apenas oito anos de idade. Embora, a maior surpresa seja observar que em menos de 20 dias de reforço ela passaria a dominar e responder qualquer operação de multiplicação, sem o uso de tabuada ou calculadora.

Estes mesmos exemplos parecem ter funcionado com o seu colega de turma. Ele demonstrava dificuldade em adquirir o abstrato e o significado/sentido de 2 reais. Embora um pouco mais diferente, a utilidade da moeda foi importante. A tática realizou-se quando se colocou em mesa uma cédula de 2 reais e pedimos que ele contasse em seus dedos como chegamos a esse valor. O seu abstrato não funcionou porque para ele era contado duzentos centavos.

Essa foi a maior dificuldade, pois levou mais tempo em fazê-lo compreender a inflexão que desassociasse o número 200 do valor de 2 reais. Decodificar, ou, melhor, decompor, portanto, a cédula de dois reais seria a técnica mais apropriada e que refletiu positivamente para a construção do abstrato da criança. Quase que como um paradoxo, a abstração da criança, em sua esmagadora maioria,

somente será desenvolvida a partir do que lhe é concreto, isto é, expondo elementos ligados à sua realidade. Entendendo esta questão, colocou-se em sua pequena escrivaninha as moedas de 5, 10, 25, 50 centavos e de 1 real para mostrar-lhe que du rante a contagem dos centavos o compute ou cálculo de valor deveria pausar no valor correspondente de cada moeda apresentada em sua mesa.

Para o entendimento do valor da cédula o aluno contasse até o algarismo correspondente à moeda que esteve sobre a mesa. Assim sendo, quando passou o número cinco (5) pausou-se a contagem e mostrou-se a moeda que lhe era equivalente. Desta forma também se fez com as moedas de 10, 25, 50 centavos e de 1 real, e com a cédula de 2 reais. Este intento funcionou com relevância, pois o seu maior contributivo se realizou quando a criança pôde, enfim, quebrar o sentido que fazia em sua mente da confusão que fazia entre o 1 real com a computação do número 100, e/ou do número 200 quando se pretendia os 2 reais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção de um afinilamento, cada vez maior exigido pelas ciências, muitas vezes têm contribuído de forma negativa com aqueles que são os profissionais da educação, principalmente no campo da docência. Quer-se dizer que cada ideia metodológica pode e deve ser selecionada a partir de cada ciência e, assim, agrupada e combinada para com o objetivo de proporcionar uma maior desenvoltura, por parte de quem media, e de desenvolvimento, por parte daquelas/es que aprendem. Vimos nesse estudo que a combinação das metodologias das ciências está sendo deveras importante, partindo do entendimento das dificuldades que se encontram no processo de aprendizagem, para, logo em seguida, a sua consequente superação.

Nos dois casos levantados a intenção foi desde o início sempre buscar a autonomia das crianças. Durante todo o processo as estudantes nunca foram compreendidas como apenas caixas receptoras, mas sim como sujeitos ativos, colaboradores do seu saber.

Importante compreender que os estudantes tem potencialidades e antes de adentrarem o espaço escolar carregam uma

bagagem de saberes que articulam as suas vivências e influenciam o seu modo de ver, apreender e entender as coisas ao seu redor e todo esse mundo precisa ser considerado pela escola e seus docentes no momento de mediar o conhecimento.

Acredita-se que cada sujeito, homem ou mulher, criança, adolescente e/ou adulto, tem a sua capacidade e nível de constância de desenvolvimento, cabendo aos docentes primeiro compreendê-lo e, assim, após, contribuir da maneira mais oportuna e criativa.

Ao longo desse artigo buscamos demonstrar as considerações que deve em torno das discussões e das explorações de experiências de ensino-aprendizagem, seja formal, ou não formal, ou ainda informal. No mundo acadêmico temos encontrado trabalhos que fazem alguns apontamentos sobre a dificuldades de aprendizagens, alguns aparecem em formato de relatório de estágio - esquecendo de explorar os motivos que levaram a geração dessas dificuldades quando estas não estão ligadas a doenças, mas aos procedimentos do ensinar e aprender.

Embora tenha muita temática escrita sobre o processo de ensino-aprendizagem, também muita coisa ainda falta ser esclarecida. O trabalho de profissional/pesquisador da educação, e de docente, é [fazer] superar a repetição que os “recém formados professores” fazem de seus antigos mediadores. Não há razão e nem lógica em reproduzir o que não surte efeito positivo.

Se a intenção de todo trabalho é superar, ou pelo menos inibir, determinado(s) problema(s), que no caso do debate científico da educação é encontrar soluções para as intempéries determinantes, observa-se neste artigo considerações da maior importância.

A reflexão sobre o como fazer é visto como necessária. A didática e a metodologia que são desenvolvidas e postas em ação propriamente dentro da sala de aula são elementos que merecem um olhar no processo de formação docente.

Pensamos que esse trabalho cumpriu a sua missão quando se coloca em foco a exploração de caso de estudo – destaca as análises realizadas em torno deste reforço escolar – mostrando neste trabalho a sua real contribuição educacional para que outros profissionais atuantes nas escolas possam igualmente refletir sobre as suas atuações em torno dos ineditismos das demandas presenciais em relação ao problema de aprender.

Embora este seja um trabalho que busca explorar as vicissitudes das complexidades do ensino-aprendizagem não formal, a sua contribuição é tão enriquecedora que auxilia o processo de ensino formalizado, ou melhor, cada sala de aula, com a intenção de revelar para outros profissionais uma simples, embora não simplória, como se tem dito, metodologias e técnicas que se mostraram eficientes.

Ao longo do tempo vem se revelando que a educação deva ser encarada como experiência social, em seu contexto sociocultural, portanto, a ideia de prospecção cerne aqui é encarar a comunidade empírica com o desejo de superar problemas sociais.

Pretende-se dizer que, durante o ensino-aprendizagem, até para o seu bem, e para o bem de quem aprende e/ou ensina e/ou media, deve-se observar o contexto social de cada sujeito para a superação de problemas vinculados à sua comunidade e de sua empiria. Refletimos numa pequena menção sobre o processo do ensinar e do [ensinar a] aprender:

Significa tomar como referência questões sociais e culturais, assim como problemáticas humanas que fazem parte de nossa vida, temas como desigualdades sociais, raciais, sexuais, diferenças culturais, problemáticas materiais e inquietações relacionadas a como interpretar o mundo, lidar com a morte, organizar a sociedade, estabelecer limites sociais, mudar esses limites, contestar a ordem, consolidar instituições, preservar tradições, realizar rupturas. (PINSKY JAIME, BASSANEZI, 2003, p. 23).

Portanto, assim como a etimologia da palavra "educação" diz muito sobre seu significado, debater este processo ainda tem a ser feito. Existem lacunas que parecem ser esquecidas, ou intencionalmente encobertas, mas que aos interessados no assunto devem sempre observá-las.

Partindo desses entendimentos, vimos no reforço /escolar um grande aliado para o ensino, pois, permiti-nos realizar um atendimento individual e, de certa forma, diferenciado.

Configurando -se com materiais concretos e trazendo para o ensino situações desafiadoras, mas presente na vida cotidiana dos estudantes, busca-se conhecer a particularidade do aluno, incitando-o a conhecer sempre mais.

Nesse sentido, é preciso que, na sala de aula, o professor leve em conta as especificidades apresentadas pelos alunos, conseguindo identificar quais as possibilidades e dificuldades e desenvolver um trabalho acerca dessas limitações, buscando descobrir qual é a melhor maneira que o aluno aprende.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Professores e professores: reflexões sobre a aula e prática pedagógica diversas. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

FERREIRA, Lúcia Glaucia. Duas visões psicopedagógicas sobre o fracasso escolar. Rev. Psicopedagogia. 2008;25 (77):139-45.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 2013

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. O sistema de organização e de gestão da escola: teoria e prática. In: LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra Educação escolar. Políticas, estrutura e organização. 10ª ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 433-478.

MOREIRA, Marco Antonio, 1942-Teorias de Aprendizagem. -2. ed. ampl. -São Paulo: EPU, 2011.

PEREZ, Tereza(org). Diálogo escola - família: parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens – São Paulo: Moderna, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e Docência. Revisão técnica José Cerchi Fusari, - 7ª ed. – São Paulo: Cortez, 2012.

PINSKY, Jaime.; PINSKY, Carla Bassanezi. **Por uma História prazerosa e consequente.** In: KARNAL, Leandro. (Org.). História na Sala de Aula: conceitos e propostas. 1ed. São Paulo: Editora Contexto, 2003, v. 1, p. 17-36.